

Hibridismo linguístico e a simulação temporal em reescritas de *Gulliver's Travels*, de Jonathan Swift*

*Linguistic hybridity and
temporal simulation
in rewritings of Gulliver's
Travels, by Jonathan Swift*

Jacqueline dos Santos PRATAS (UNESP)
jacquesp_09@hotmail.com

Lauro Maia AMORIM (UNESP)
lauro.maia@unesp.br

Recebido em: 01 de abr. de 2019.
Aceito em: 04 de jul. de 2019.

*Este artigo é derivado de pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Projeto 2017/18118-9.

PRATAS, Jacqueline dos Santos; AMORIM, Lauro Maia. Hibridismo linguístico e a simulação temporal em reescritas de *Gulliver's Travels*, de Jonathan Swift. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 133-158, set-dez/2019.

Resumo: Neste artigo analisam-se duas traduções e uma adaptação de *Gulliver's Travels*, de Jonathan Swift, obra originalmente escrita no século XVIII, com o objetivo de observar se o emprego da norma padrão poderia ser um instrumento que auxilie na produção de um efeito de distanciamento temporal derivado de seleções lexicais e da adoção de estruturas linguísticas determinadas que atenderiam à representação semântica, sintática e estilística desse distanciamento. Constatou-se, com os resultados da análise, que, de fato, os tradutores lançaram mão do uso estratégico de determinadas seleções lexicais e estruturas gramaticais que evocam o efeito de distanciamento temporal, mas, em algumas das versões analisadas, observou-se também o emprego híbrido concomitante de construções linguísticas mais próximas de um certo registro informal, especialmente no caso da adaptação voltada para o público juvenil.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Hibridismo de normas. Marcas de oralidade.

Abstract: This article analyzes two translations and one adaptation of *Gulliver's travels*, by Jonathan Swift, a novel originally published in the eighteenth century. The main goal of this study is to observe if translators and adaptors have applied the standard norm of Brazilian Portuguese as a tool to carry out a temporal distancing effect derived from both lexical selection and adoption of particular linguistic structures that attain a semantic, syntactic and stylistic representation of such effect. The results show that, in fact, translators has resorted to strategic use of certain lexical items and grammatical structures that bring out a temporal distancing effect, but some editions have displayed hybrid linguistic structures in line with some informal register, which includes one of the adaptations analyzed, particularly destined for young readers.

Keywords: Translation Studies. Linguistic hybridity norms. Orality markers.

Introdução

Na atualidade, cada vez mais pesquisadores dos Estudos da Tradução se dedicam à análise de obras literárias com o objetivo de averiguar como os tradutores têm lidado com a representação da variação linguística, especialmente quando o texto de partida é uma obra que sabidamente contém socioletos, tornando a atividade tradutória não apenas desafiadora, mas, também, um campo de inovação quando tradutores optam por desafiar perspectivas mais conservadoras que tendem a apagar a variação linguística de diálogos ficcionais em nome da manutenção da norma padrão.

Sarian (2002), por exemplo, busca aliar os estudos sociolinguísticos aos Estudos da Tradução, refletindo sobre os ganhos potenciais que um tradutor é capaz de obter quando informado pela abertura à diversidade linguística, especialmente quando é o caso da tradução do inglês afro-americano vernacular (ou *Black English*) em romances norte-americanos. Milton (2002) oferece respostas interessantes sobre os motivos pelos quais muitas editoras brasileiras resistiram (e ainda resistem) à representação da variação linguística em textos ficcionais traduzidos: um desses motivos é que, com frequência, editores e tradutores têm entendido que a existência de socioletos em diálogos ficcionais não seria fundamental para a trama em si, e para a compreensão da natureza das personagens, de modo que essas formas linguísticas acabam se tornando um artifício literário acessório, e não essencial, o que parece ter justificado a sua não tradução em obras literárias. Amorim (2018a e 2018b) investiga a representação da variação linguística em traduções, com foco em romances associados à chamada “alta literatura” e em best-sellers de ficção popular, com resultados que apontam para uma diferença significativa no modo com que marcas de oralidade são representadas em obras com status literário e comercial diferentes, como é o caso das categorias analisadas na pesquisa.

Britto (2012), por sua parte, salienta a importância de se criar um efeito de verossimilhança na construção de falas e diálogos ficcionais. O autor ressalta que esse efeito é conscientemente obtido através de recursos textuais, lembrando que a verossimilhança é a sugestão de algo que parece real, sem necessariamente o ser. Assim, deve-se entender que a produção de diálogos verossímeis não significa a tentativa de se transcrever todos os dados de uma fala real, já que esta é repleta de detalhes, incluindo repetições, interrupções, ênfases, frases incompletas, redundâncias e lacunas que inviabilizariam a representação aceitável e legível da fala em textos literários. Assim é que as marcas de oralidade serviriam ao propósito de se criar um efeito de verossimilhança, ou seja, a ilusão de que uma fala literária seria real. Britto (2012, p.92) divide as marcas de oralidade em três tipos: fonéticas, lexicais e morfossintáticas. As primeiras seriam formas que buscariam representar, na escrita, a maneira mais próxima possível da sua pronúncia vernacular, como o caso de “pra” em lugar de “para”, ou “né?” em vez de “não é?”. As marcas lexicais (ou léxico-frasais) seriam utilizadas com frequência no contexto oral, como gírias (“Aquele festa tá animal”; “pagou o maior mico”) e outras formas de coloquialismo. As marcas morfossintáticas, por outro lado, seriam muito produtivas por representarem, na escrita, o seu uso generalizado no plano oral em todo o país e permitirem um efeito desejável de verossimilhança em diálogos. É o caso do emprego do sistema pronominal misto, em que “te” é utilizado ao lado de “você”, como em “Você lavou aquela faca que te dei?”. Essas formas linguísticas são muito produtivas, independentemente da classe social do falante, ainda que muitos gramáticos tradicionais considerem esses casos como erros (o que explicaria a visão mais tradicional que muitos leitores podem ter em relação ao emprego dessas formas na modalidade escrita).¹

¹ De forma geral, o emprego misto do sistema pronominal é muito comum na língua falada. Na modalidade escrita, porém, pode haver uma maior restrição a essas ocorrências, especialmente em textos nos quais se pode empregar maior formalidade (como nos textos de caráter científico, que tendem a seguir muitos aspectos da norma padrão). São ocorrências muito frequentes, porém, em certos gêneros textuais, como no das canções (fortemente influenciadas pela oralidade). É o caso, por exemplo, da composição de Caetano Veloso, “Queixa”: “Você pensa que eu tenho tudo/ [...] / Mas Deus não quer que eu fique mudo/Eu eu te grito esta queixa [...]” (BAGNO, 2010, p. 249). O mesmo ocorre no gênero teatral e no da ficção, especialmente em romances contemporâneos (traduzidos ou não), em que se observa a representação da oralidade em diálogos ficcionais, como no exemplo extraído de um romance brasileiro: “Mas se você fosse mais leve, compadre, eu era capaz de te carregar!” (NEVES, 2018, p. 487). É fato – e sociolinguistas como Faraco (2008) e Bagno (2010) reconhecem isso – que essas formas linguísticas não são aceitas pela norma padrão, no entanto,

Neste trabalho, analisam-se duas traduções e uma adaptação de uma obra literária originalmente escrita no século XVIII, justamente com o objetivo de observar se o emprego da norma padrão pode ser um instrumento que auxilie na produção de um efeito de distanciamento temporal, que poderá produzir uma sensação de “arcaísmo” na leitura do texto narrativo em 1ª pessoa, como é o caso de *Gulliver's travels*, de Jonathan Swift. Por outro lado, investiga-se também em que medida um certo grau de oralidade, representada na escrita, poderia ocorrer em reescritas de obras que supõem um certo afastamento no tempo, como é o caso da referida obra. Formas linguísticas mais distensas, e até relativamente informais, tendem a se aproximar da chamada norma culta, que admite certas construções linguísticas tipicamente desabonadas pela norma padrão tradicional.

Diferentemente do que supõe o senso comum, a norma padrão e a norma culta não são conceitos sinônimos, porque representam aspectos linguísticos diferentes, sendo a norma padrão referente a formas prescritas em compêndios gramaticais, mas não necessariamente seguidas à risca pela maioria dos falantes/escreventes, e a norma culta, referente à expressão de formas linguísticas “heterodoxas” que são, de fato, representativas do uso efetivo que falantes/escreventes letrados fazem da língua, mas que podem ser desabonadas pela norma padrão.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005), as variedades linguísticas são distribuídas em três *continua* que se entrecruzam: o *continuum* rural-urbano, o de oralidade e letramento e o da monitoração linguística. Para Faraco (2008), a variedade mais falada no Brasil nos dias de hoje estaria na intersecção entre o *continuum* rural-urbano e o de letramento, pois a intensa e rápida urbanização do país e o grande alcance dos meios de comunicação, como o rádio e a televisão, fizeram com que a variedade falada na área urbana e por pessoas letradas da classe média exercesse uma forte atração sobre todas as outras. Tais variedades estão presentes nos mais diversos meios de comunicação. Tendo em vista esse fato, chega-se à conclusão de que variedades faladas no país estão relacionadas à vida urbana, o que fez com que Dino Preti (1999) denominasse tais variações de *linguagem urbana comum*.

Com o objetivo de averiguar como era de fato a norma culta falada pelos brasileiros considerados cultos, com escolaridade superior completa, o projeto NURC (Norma Linguística Urbana Culta) propôs

pesquisadores ressaltam que elas já são admitidas, no campo da norma culta falada (no gênero palestra e entrevista, por exemplo), e também na norma culta escrita (como já mencionado, em textos ficcionais ou canções).

um levantamento da fala desses mesmos usuários, e para a surpresa dos pesquisadores, foi constatado que a norma culta falada brasileira se aproxima muito da *linguagem urbana comum* e, ao contrário do que era pensado, se distancia consideravelmente da tradição gramatical normativa (norma padrão). Desse modo, Faraco (2008) alega que o primeiro critério para identificar a norma culta seria “o uso corrente entre falantes urbanos com escolaridade superior completa, em situações monitoradas” (FARACO, 2008, p.47), estando ela, portanto, no cruzamento dos três *continua*.

Enquanto a norma culta está relacionada aos usos reais, à língua falada realmente pelos falantes e composta pelas “variedades urbanas de prestígio”, que são até certo ponto permeadas pela oralidade, a norma padrão está ligada a uma postura normativa e ao que os compêndios gramaticais estabelecem como correto: ela não é um modo de falar, mas sim uma forma ideal, um modelo que se espera que o falante ou escrevente deva alcançar.

Para Bagno (2012), a norma padrão é “contraintuitiva”, pois o falante até a reconhece, mas não a conhece completamente. Uma pessoa que não conhece todas as regras da gramática normativa consegue reconhecer a norma padrão quando ouvida, porém não conseguirá reproduzi-la sistematicamente devido ao fato de que a variedade linguística falada por ela não está inclusa nas tantas regras que regem a norma padrão. Como já comentado anteriormente, a norma padrão não se refere a uma variação real, mas sim a uma forma linguística idealizada. Por exemplo, de acordo com muitos compêndios gramaticais, fundamentados na norma padrão, não se deve escrever “entrei e saí da casa”, porque são dois verbos com regências diferentes, o que exigiria algo como “entrei na casa e dela saí (ou saí dela)”. No entanto, nas práticas linguísticas de falantes e escreventes letrados, a intuição os levará a dizer e a escrever “entrei e saí da casa”, como uma forma não somente aceitável, mas “normal” e usual (BAGNO, 2010, p.279). A norma culta, portanto, admite esse tipo de construção, que é, em grande medida, derivada das intuições linguísticas que são diretamente influenciadas pelas práticas e intercâmbios orais da linguagem urbana comum. Esse fato se explica porque os limites entre os usos linguísticos na modalidade escrita e na modalidade oral não obedecem a uma oposição ou dicotomia absoluta. As diferenças entre a modalidade escrita e a modalidade oral da língua são derivadas de um *continuum*, como bem destacam Marcuschi e Dionísio (2006):

É impossível detectar certos fenômenos formais diferenciais entre a oralidade e a escrita que sejam exclusivos da escrita ou da fala. Todos os parâmetros lingüísticos são relativos e podem em algum momento aparecer em ambas. Não existe alguma característica ou algum traço lingüístico na fala ou na escrita (uma forma lingüística) que possa marcar com absoluta segurança a delimitação entre ambas as modalidades. Por exemplo, não existe uma preposição, um pronome, um artigo, uma forma verbal, etc., que seja exclusiva da oralidade ou da escrita. Trata-se de um contínuo de diferenças e semelhanças entrelaçadas. Mas, como a fala tem suas estratégias preferenciais e a escrita também, podemos, com alguma facilidade, identificar cada uma de maneira bastante clara (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2006, p. 18).

É possível observar a diferença entre uma transcrição linguística de uma fala espontânea, constituída por regras específicas de organização da oralidade, e um texto científico, que geralmente será organizado de acordo com um planejamento e sob princípios gerais que envolvem o gênero textual científico, de modo que isso vai impactar a forma como a sua escrita é efetuada. Mas exatamente porque não há um limite rígido e mutuamente excludente entre fala e escrita é que será possível observar formas linguísticas que são intuitivamente influenciadas pela oralidade, mas que tomam corpo em produções textuais escritas planejadas, especialmente em textos contemporâneos. Um exemplo disso é a ocorrência das seguintes formas linguísticas (proscritas pela norma padrão, mas aceitas pela norma culta) em textos jornalísticos:

Verbo “gostar”:

Norma padrão: admite apenas a regência “de que gosta”
Norma culta: admite a regência “que gosta”
“É um bom exercício e fica a sugestão: compre as cervejas <u>que gosta</u> , ponha entre elas as que acha ruins, e cubra as garrafas e prove com os amigos. No mínimo, alguma coisa se aprende” (matéria do <i>Estado</i> disponível em Bagno, 2010, p.186)

“Grama”

Norma padrão: admite apenas “duzentos gramas de presunto” (substantivo masculino)
Norma culta admite: “duzentas gramas de presunto” (admite-se a forma feminina)
“Comer algumas gramas de chocolate meio amargo enriquecido por dia durante duas semanas pode ajudar a reduzir os riscos de doenças cardíacas [...]” (matéria de O Globo, disponível em Bagno, 2010, p. 191).

É por esse motivo que, em um texto escrito, ao não conhecer a norma padrão em toda sua plenitude, o escrevente letrado pode acabar criando um composto híbrido entre a norma culta e padrão, o qual contém fenômenos de ambas as formas linguísticas. É possível, porém, que esse hibridismo não seja necessariamente fruto do desconhecimento, mas uma estratégia tradutória que buscava combinar certo grau de coloquialismo com a proposta de um afastamento temporal, com o emprego de estruturas formais ou pouco usuais, especialmente quando se traduzem obras literárias escritas em séculos anteriores.

Assim, discutiremos em que medida traduções e adaptações revelam um hibridismo de normas linguísticas (BAGNO, 2012), no qual aspectos da chamada norma culta (que admite formas linguísticas mais próximas da oralidade) ocorrem concomitantemente com estruturas linguísticas associadas à norma padrão tradicional, geralmente caracterizada por registros mais formais. Para tanto, foram analisadas duas traduções e uma adaptação de *Gulliver's Travels*, de Jonathan Swift: a tradução de Paulo Henriques Britto, publicada pela Companhia das Letras; a tradução de Luiz Fernando Martins, publicada pela editora Martin Claret; e a adaptação de Cláudia Lopes, publicada pela editora Scipione.

A razão pela qual se escolheu essa obra como objeto da presente pesquisa é que tendo sido escrita no século XVIII, *Gulliver's Travels* necessariamente impõe, ao tradutor e ao adaptador, a questão de como lidar com o fato de que é um “romance de época”. E, nesse caso, a distância temporal entre a publicação da obra, em inglês, e o momento presente, é de cerca de trezentos anos. Assim, interessamo-nos em analisar as estratégias de que fizeram uso tradutores e adaptadores no sentido de lidar (ou não lidar) com esse afastamento temporal da obra, podendo eles promover (ou deixar de promover), em maior ou menor grau, um efeito de simulação temporal com seleções lexicais e adoção de estruturas linguísticas que pudessem atender à representação semântica, sintática e estilística desse distanciamento.

Nesse caso, nossa hipótese é a de que essa simulação temporal pode envolver a adoção sistemática de estruturas linguísticas mais aderentes à norma padrão conservadora. Isso porque essa norma, como apontam Faraco e Zilles (2017, p. 158), tende a se pautar em formas linguísticas que, não raro, são oriundas do português lusitano do século XIX, quando então se formou um ideal de norma padrão para o Brasil, baseado nos textos literários do Romantismo, e que vigora até hoje, mas que, na prática cotidiana (mesmo na modalidade escrita da língua),

não é rigorosamente seguida. Mesmo em textos escritos, especialmente contemporâneos, como bem demonstram Bagno (2010)² e Neves (2018)³, a norma padrão convive, lado a lado, de forma híbrida, com formas linguísticas heterodoxas que, do ponto de vista da frequência de uso, têm sido amplamente empregadas, até mesmo por escreventes letrados. Os empregos dessas formas linguísticas heterodoxas, em comparação à ortodoxia da norma padrão, por escreventes letrados, formam, em seu conjunto, a percepção de uma norma culta baseada na aceitabilidade derivada, sobretudo, da alta frequência de seu uso, em vista da naturalidade a ela atribuída pela intuição dos escreventes (geralmente em contraste com a ausência dessa mesma “naturalidade” atribuída à norma padrão).

Metodologicamente, as versões selecionadas para essa pesquisa, a saber, duas traduções e duas adaptações, poderiam oferecer, contrastivamente, uma visão de como esses profissionais direcionaram suas respectivas versões para o público-leitor pretendido, já que, por exemplo, as adaptações geralmente são voltadas para o público juvenil (ou até infantil). Com essa seleção, pretendíamos avaliar em que medida o efeito de simular o afastamento temporal seria ou não mantido em adaptações voltadas para o público jovem e se, nesse caso, haveria uma maior abertura a formas linguísticas híbridas, mais próximas da oralidade, justamente para atender a esse público.

² A norma padrão requer que se pratique a regência do verbo “implicar” como verbo transitivo direto, como em “Os resultados implicam uma perda total para nós”. No entanto, como destaca Bagno (2010), o uso disseminado do verbo implicar como transitivo indireto, em textos escritos, demonstra que o seu uso nessa condição é plenamente admitido pela norma culta vigente, baseada nos usos. Veja, por exemplo, esse trecho de uma matéria da *Folha de São Paulo*: “Mas a rejeição da Medida Provisória não implicou na perda de efeitos das renovações concedidas durante os seus quase três meses de vigência” (Bagno, 2010, p. 213).

³ A norma padrão considera que a oração “Administram-se antibióticos” está correta porque o sujeito não agente, “antibióticos”, é objeto de uma ação na forma passiva sintética, de modo que a oração pode ser lida, na forma analítica, como “antibióticos são administrados”, justificando, portanto, que o verbo “administrar” seja conjugado no plural na forma sintética (“administram-se antibióticos”). Entretanto, segundo Neves (2018), “contrariando o que recomendam, em geral, obras normativas tradicionais, é frequente uma segunda interpretação dessas construções de verbo transitivo com se” (NEVES, 2018, p. 210). Por meio de uma segunda interpretação, “as expressões tradicionalmente tidas como sujeito da passiva seriam, então, objeto direto do verbo, e o pronome se seria índice de indeterminação do sujeito, e não pronome apassivador” (NEVES, 2018, p. 210). Assim, seria aceitável como produção escrita, a oração “Administra-se antibióticos por via oral ou intramuscular” (oração extraída da obra *Clínica Cirúrgica*, de Correa Neto et al, *apud* NEVES, 2018, p.211; p. 1360), em que “antibióticos” é objeto direto no plural, do verbo no singular (“administra-se”), e o sujeito da oração seria indeterminado. Esse é um excelente exemplo de uma produção linguística (que poderia ser emitida tanto oralmente quanto por escrito) e que é aceitável de acordo com a norma culta, embora não o seja de acordo com os parâmetros da norma padrão.

Jonathan Swift e sua obra

Nascido em Dublin, Irlanda, em 1667, Swift ingressou em Oxford, tendo concluído seu doutorado em Teologia em 1693. Em grande parte de sua obra, Swift se dedicou a criticar a sociedade e a política da época, através de sátiras sobre o seu encontro com aristocratas, sobre modo de vida europeu, sobre intrigas da corte, entre outros temas. Uma de suas críticas mais ferozes se tornou a maior obra de sua vida: *As viagens de Gulliver*. Nela encontram-se situações cômicas que chegam a ser absurdas, e são exatamente nesses momentos que o toque de ironia do autor vem à tona para criticar os atos absurdos ocorridos no seio da elite europeia.

No entanto, só é possível notar a semelhança entre a história contada por Swift e a realidade para aqueles que conhecem o contexto socio-histórico da época; sem tais referências, a obra se torna uma simples aventura vivida por um viajante ao longo de quatro países. Tendo tais afirmações em mente, é possível afirmar que a obra de Swift não foi escrita com o intuito de ser um livro com peripécias para atrair a atenção das crianças, pois seu conteúdo está muito além da capacidade de compreensão de uma criança sem as informações necessárias para decifrar cada detalhe contido no texto. No entanto, por sua característica fantástica, o livro foi adaptado para histórias infantis e amplamente difundido para as crianças, abrindo então as possibilidades de leitura da obra de acordo com o público-alvo.

Reescritas analisadas

Nesta seção, serão apresentados aspectos gerais, do ponto de vista editorial, de três reescritas de *Gulliver's Travels*: a tradução de Paulo Henriques Britto, a tradução de Luiz Fernando Martins, e a adaptação de Cláudia Lopes.

Tradução de Paulo Henriques Britto

A primeira versão analisada é a tradução de Paulo Henriques Britto para a *Penguin Classics*, publicada pela Companhia das Letras em 2010. O livro apresenta logo em suas primeiras páginas uma breve contextualização da vida do autor da obra, Jonathan Swift, do tradutor, Paulo Henriques Britto, do responsável pela escrita do prefácio traduzido para o português, intitulado “Política versus Literatura: uma análise

de *Viagens de Gulliver*”, George Orwell, e do escritor da introdução do livro, Robert Demaria Jr. A versão contém o texto integral das histórias de Gulliver, contando com as quatro viagens que compõem o livro original. Vale notar também que a estrutura do texto é bem característica, apresentando parágrafos muito grandes que podem se estender por páginas, e os substantivos são escritos com a letra inicial maiúscula, assim como no texto fonte original utilizado para essa versão.⁴

Tradução de Luiz Fernando Martins

A tradução de Luiz Fernando Martins é uma edição ilustrada da Martin Claret, publicada em 2013. O texto é caracterizado como “Ficção – Literatura infantojuvenil”. O texto também conta com as quatro histórias completas de *As viagens de Gulliver*, além de apresentar um prefácio escrito por Lilian Cristina Corrêa, com o intuito de oferecer uma breve conjuntura da época em que foi escrita a obra e relatar a intenção de Swift de criticar certas atitudes da sociedade do século XVIII.

Adaptação de Cláudia Lopes

A terceira reescrita analisada é a adaptação de Cláudia Lopes, publicada como versão infantojuvenil pela Scipione. Ela engloba as quatro histórias compostas pelas *Viagens de Gulliver*, porém, é possível notar que sua escrita é condensada, tendo em vista o número mais reduzido de páginas. As histórias são mais compactas, com a omissão de diversas passagens, e, além disso, a adaptação conta com uma linguagem bem menos formal que as demais, apropriada para adolescentes e pré-adolescentes, valendo-se de diálogos, um recurso ausente na obra original de Jonathan Swift, fundamentalmente uma narrativa em primeira pessoa.

⁴ Em “Nota sobre o texto” (não assinada), afirma-se que “o texto fonte da atual tradução é baseado na primeira edição das *Viagens a algumas nações remotas do mundo*, publicado por Benjamin Motte, Jr., em 28 de outubro de 1726”. (SWIFT, 2010, p. 55). Essa versão original de Motte Jr. e, portanto, a versão contemporânea dela derivada e publicada pela Penguin internacional, contém os substantivos iniciados por letras maiúsculas. Segundo Osselton (1985), essa era uma tendência comum no processo de editoração, na Inglaterra, até parte da segunda metade do século XVIII. As edições contemporâneas de *Gulliver’s travels*, em inglês, não fazem mais uso desse artifício. É por essa razão que se optou, nesta pesquisa, por utilizar a versão original atualizada do romance, sem as iniciais maiúsculas, mantendo-se, porém, os trechos da tradução de Paulo Henrique Britto (da editora Penguin-Companhia), tal como estão impressos (com substantivos com iniciais maiúsculas).

Análise e discussão dos resultados

Nas próximas subseções, analisaremos trechos das reescritas selecionadas para a pesquisa, com o objetivo de explicitar as estratégias adotadas pelos tradutores e pela adaptadora, seja no sentido de simular um distanciamento temporal, seja no sentido de empregar formas linguísticas mais distensas.

Tradução de Paulo Henriques Britto

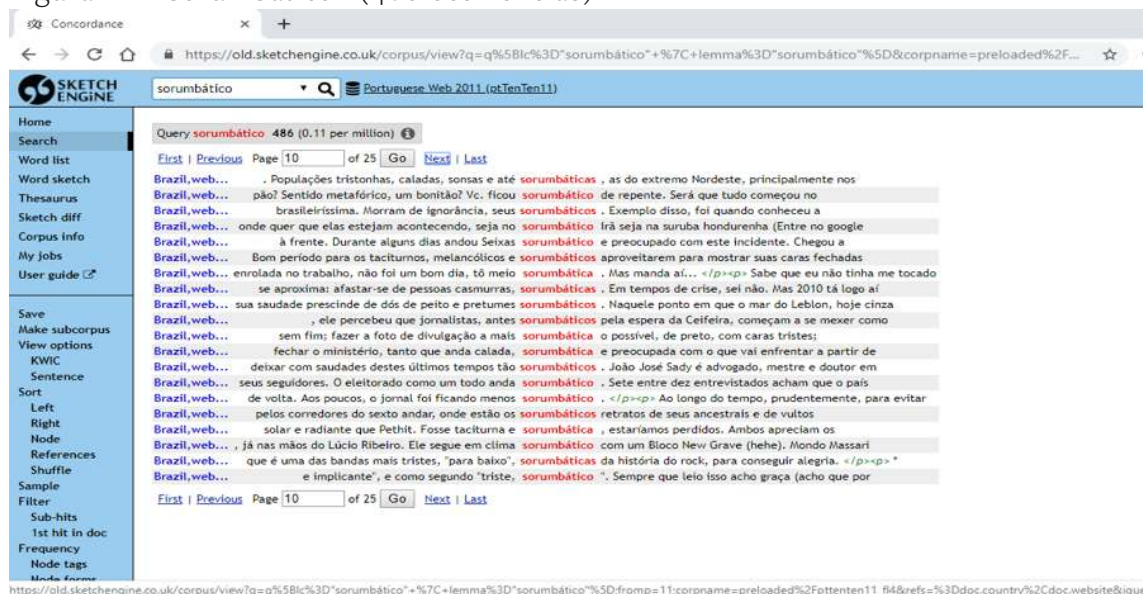
• Adjetivos infrequentes em português

When they came to fourscore years, which is reckoned the extremity of living in this country, they had not only all the follies and infirmities of other old men, but many more which arose from the dreadful prospect of never dying. They were not only opinionative , peevish, covetous , morose , vain, talkative , but incapable of friendship, and dead to all natural affection, which never descended below their grandchildren. (p. 268)	Chegando aos oitenta anos, a Idade considerada extrema naquele País, eles não apenas manifestavam todos os Achaques e Sandices comuns aos Velhos, mas também muitos outros que provinham da terrível Perspectiva de jamais morrer. Eram não apenas iracundos , avaros, sorumbáticos , vaidosos, e palavrosos , mas também incapazes de formar Amizades, e indiferentes a todos os Afetos naturais, que jamais se estendiam para além de seus Netos. (p. 310)
---	--

No trecho acima, estão destacadas, em negrito, palavras pouco usuais no cotidiano linguístico brasileiro. Por exemplo, de acordo com o Dicionário Houaiss (2009), “achaque”, como “motivo de queixa; dissabor, preocupação” (sentido no contexto do trecho acima), é uma forma de “diacronismo antigo”. “Iracundo” significa “irado, que expressa ira”, que tende a se irritar com facilidade; “sorumbático” é uma “característica do que é sombrio, carrancudo, tristonho, melancólico, taciturno; e “palavroso” é atributo daquilo que “possui muitas palavras” ou de quem é “prolixo”. Contudo, nota-se, de forma intuitiva, que esses são vocábulos pouco frequentes. Isso pode ser averiguado, concretamente, quando recorreremos a um banco de dados com mais de 3 bilhões de palavras da língua portuguesa, alimentado por material disponível na internet e organizado pelo website “Esketch Engine”.⁵ Compare, por exemplo, a frequência da palavra “sorumbático” (e variantes, como “sorumbática”, forma no plural), com os dados do seu sinônimo mais comum, “sombrio” (ou “sombria”, ou forma no plural):

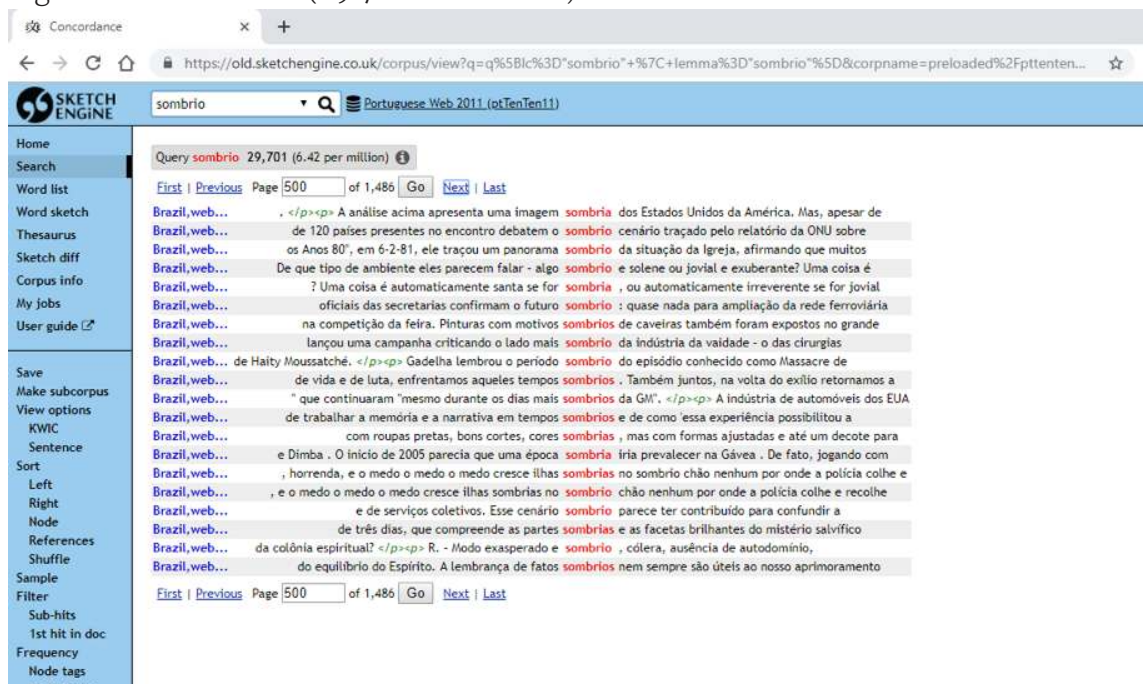
⁵ Disponível em: <https://www.sketchengine.eu/>

Figura 1 – “Sorumbático” (486 ocorrências)



Fonte: Lexical Computing CZ (2018).

Figura 2 – “Sombrio” (29.701 ocorrências)



Fonte: Lexical Computing CZ (2018).

Fazendo o mesmo tipo de levantamento para as demais palavras destacadas acima, teremos os seguintes resultados:

- a) “Iracundo” (355 ocorrências) *versus* “Irado” (4.313 ocorrências)
- b) “Palavroso” (376 ocorrências) *versus* “Prolixo” (2.143 ocorrências)

Embora essas palavras não sejam “arcaicas”, no sentido estrito do termo, pois ainda são empregadas na atualidade, como seu uso tende a ser mais restrito, o efeito que se cria, com a sua presença em textos literários, como no caso dessa obra do século XVIII, é o de um certo distanciamento temporal, embora isso seja apenas uma simulação com base no emprego de termos menos recorrentes.

• Unidades de medida do inglês mantidas em português

The declivity was so small, that I walked near a mile before I got to the shore, which I conjectured was about eight o'clock in the evening. (p. 14)	A Declividade era tão pouca, que caminhei quase uma milha até chegar à praia, quando calculei ser por volta de oito horas da noite. (p. 87)
I was extremely tired, and with that, and the heat of the weather, and about half a pint of brandy that I drank as I left the ship, I found myself much inclined to sleep. (p. 14)	Eu estava extremamente cansado, e por esse motivo, e pelo Calor que fazia, e por conta de cerca de meio quartilho de Aguardente que havia bebido antes de sair do Navio, sentia-me bem inclinado a dormir. (p. 88)

Nos exemplos acima, é apresentada uma característica interessante dessa tradução: todas as formas de medição encontradas ao longo do texto são representadas por palavras pouco comuns ao cotidiano. No primeiro excerto, o tradutor utiliza “milha” para se referir à distância percorrida por Gulliver. Embora seja uma palavra reconhecida por grande parte dos brasileiros, quase não é usada, tendo em vista que o sistema de medidas brasileiro utiliza quilômetros ou metros para a medição de distâncias. Uma das traduções possíveis para “pint” é quartilho, mas também poderia ser “dose”. Essas opções tradutórias mostram de forma clara que o tradutor desejou manter uma linguagem de efeitos “arcaizantes” em seu texto.

• Léxico incomum

[...] but again they considered, that the stench of so large a carcass might produce a plague in the metropolis, and probably spread through the whole kingdom. (p. 30)	[...] Porém ocorreu-lhes que o Fedor de um Cadáver tão imenso poderia provocar uma Peste na Metrópole, e quicá espalhar-se por todo o Reino. (p. 101)
I encompassed it almost round, before I could find a convenient place to land in; which was a small creek, about three times the wideness of my canoe. (p. 194)	Dei uma volta quase completa em torno dela até encontrar um Sítio onde aportar, o qual era uma pequena Angra, cerca de três vezes mais larga que a minha canoa. (p.246)
I waded with what haste I could, and swam in the middle about thirty yards [...]. (p. 56)	Vadeei o mais depressa que pude, e no meio do Canal nadei cerca de trinta jardas [...]. (p. 124)

Os exemplos acima reforçam a tendência “arcaizante” do texto, remetendo o leitor a um efeito de distanciamento temporal, mesmo porque as palavras em destaque dispõem de equivalentes menos formais na língua portuguesa. A palavra “quicá”, por exemplo, poderia ser substituída por “talvez”, assim como “sítio” poderia ser trocado por “local”, mas o efeito arcaizante seria praticamente nulo.

O verbo “*wade*” significa, segundo o Dicionário Merriam-Webster online, “1. entrar ou passar por um meio (como a água) que oferece mais resistência que o ar; 2: mover-se ou prosseguir com dificuldade ou esforço”.⁶ O verbo “vadear”, segundo o Dicionário Caldas Aulete online (2009), significa “transpor (lamaçal, rio) pelas áreas mais rasas”, como em “Vadeou o riacho para chegar ao sítio.”⁷ A frequência da palavra “vadear” (e variantes) restringiu-se a 218 ocorrências no banco de língua portuguesa do Sketch Engine. Comparativamente, o foco semântico de “*wade*” está na dificuldade de locomoção dentro da água, ao passo que “vadear” tem o seu foco no movimento de atravessar uma área rasa de rio ou riacho, sem que isso necessariamente implique dificuldade ou esforço no processo. Se o tradutor tivesse optado por traduzir “I **waded** with what haste I could...” por “**Atravessei com dificuldade** o mais depressa que pude”, ele teria conseguido manter o sentido de “esforço” na travessia (que “to wade” por si só evoca), mas a linguagem da tradução teria se tornado mais simples, mais “transparente”, e mais mundana. Com “vadeei”, o tradutor enriquece o texto traduzido com um vocabulário incomum (ou possivelmente técnico) que contribui para a sensação de “raridade”, para a simulação de um efeito arcaizante que o conjunto semântico e lexical da proposta tradutória de Britto permite criar.

Apesar de o aspecto lexical ser grande responsável por esse efeito arcaizante na tradução aqui apresentada, isso não se dá apenas por meio das escolhas lexicais do tradutor, mas também mediante o uso da norma padrão e de construções gramaticais pouco utilizadas no dia-a-dia, como se observa abaixo:

⁶ “1. to step in or through a medium (such as water) offering more resistance than air. 2: to move or proceed with difficulty or labor”.

⁷ O dicionário Michaelis online oferece acepção semelhante: “Passar ou atravessar a vau, nos lugares mais rasos: ‘Os retirantes vadearam vários riachos até chegar ao primeiro vilarejo’”.

- **Uso de mesóclise**

I should have lived happy enough in that country, if my littleness had not exposed me to several ridiculous and troublesome accidents [...] (p. 141)	Ter-me-ia eu contentado em viver naquele País, não tivesse minha Pequenez me exposto a alguns Acidentes ridículos e incômodos [...] (p. 198)
---	---

O grau de formalidade que se apresenta na tradução de Paulo Britto pode ser evidenciado pelas construções gramaticais com mesóclise nas considerações de Gulliver. Deve-se ressaltar que a mesóclise é praticamente ausente do português brasileiro vernacular, ou seja, da língua falada de forma espontânea (sem monitoramento), e, quando utilizada, na oralidade, isso ocorre de forma bastante monitorada, com efeitos simbólicos possivelmente negativos para quem a utiliza.⁸ Como aponta Neves (2018), a mesóclise, usada com formações verbais no futuro do presente e futuro do pretérito, é “um tipo de construção muito pouco usual no Brasil, atualmente” (p.506). Na modalidade escrita, ela tem seu uso desaconselhado até por manuais de redação, como o da editora Abril, que “contraindica a mesóclise, cujo uso se limita, possivelmente, nos dias de hoje, à linguagem jurídica e a textos acadêmicos de algumas áreas” (BAGNO, 2010, p. 100). No manual de redação da *Folha de São Paulo*, afirma-se que a mesóclise até pode ser usada, mas, “na Folha, só em textos de articulistas” (p. 128), ou seja, no restante do jornal, ela deve ser evitada. Como a mesóclise é evitada, inclusive em textos literários contemporâneos, é natural que ela seja associada a discursos preciosistas que não refletem os usos correntes da língua, tornando-se, desse modo, um recurso interessante no sentido de criar efeitos de distanciamento temporal, como é o caso da tradução de Paulo Britto.

- **Emprego de contração de pronomes (me + o): mo**

Os pronomes oblíquos átonos (como, por exemplo, “me” e “lhe”) já foram utilizados, no passado, em um processo de aglutinação com artigos definidos, dando origem a construções como “mo”⁹, “ma”, “lho” e “lha”. Podemos observar uma ocorrência na passagem abaixo:

⁸ Vide, por exemplo, o caso das falas oficiais do ex-presidente Michel Temer (PINHO, 2016).

⁹ É o que se vê na oração “E o retrato do rei? Entrega-**mo** logo” (NEVES, 2018, p. 502).

I freely own myself to have been struck with inexpressible delight, upon hearing this account: and the person who gave it me happening to understand the Balnibarbian language [...]. (p.262)	Confesso que senti então um Prazer inexprimível ao ouvir tal Relato: e como a Pessoa que mo fez compreendia a Língua de <i>Balnibarbi</i> , a qual eu falava muito bem [...] (p.305)
--	---

Conforme aponta Neves (2018), no livro *A Gramática do Português revelado em textos*, essas construções “são formas raramente encontradas no Brasil, praticamente exclusivas de uso muito formal ou literário, em geral de épocas mais antigas” (NEVES, 2018, p.501). Nota-se, portanto, no quadro acima, o tom altamente arcaizante na tradução, fazendo-se uso de uma norma padrão que se não aplica mais na atualidade, mesmo na modalidade escrita. Naturalmente, é uma alternativa produtiva na recriação/tradução de textos muito antigos, como é o caso do romance em tela.

• Uso de inversão

Their geese and turkeys I usually ate at a mouthful, and I confess they far exceed ours. (p. 74)	Os Gansos e os Perus de lá eu os comia de um só Bocado, e devo confessar que são muito superiores aos nossos. (p. 139)
---	---

Outro artifício interessante, utilizado por Britto, é a figura de linguagem “inversão” ou “hipérbato”. A inversão acontece quando a ordem sintática de uma oração é modificada, com alterações nos termos da oração (sujeito, verbo, complemento, por exemplo). Tal figura de linguagem tende a ser usada em poesias e músicas, ou seja, em produções de cunho mais artístico, como é o caso do Hino Nacional Brasileiro, conhecido por seu português rebuscado. Na tradução, Britto adere à ordem invertida, contribuindo, assim, para uma sintaxe menos natural que desencadeia um desejável efeito de afastamento temporal. Essa inversão já se encontra no texto original, mas a sua manutenção, na tradução, não deixa de ser uma opção do tradutor, já que, em versões voltadas para públicos mais jovens, é possível que a ordem dos termos seja reestabelecida de acordo com a sintaxe mais convencional do português.

• Uso dos pronomes “tu” e “vós” conjugados segundo a norma padrão

Os pronomes pessoais “tu” e “vós” também aparecem com frequência na tradução de Britto, como apresentado abaixo, e podem mais uma vez reafirmar a arcaização do texto analisado:

‘What you **have told me**,’ said my master, ‘upon the subject of war, does indeed discover most admirably the effects of that reason **you pretend** to: however, it is happy that the shame is greater than the danger; and that nature has left **you** utterly **incapable** of doing much mischief. (p. 313)

O que me **dizes** (afirmou meu Senhor) sobre a Guerra revela de fato, e de modo admirável, os Efeitos daquela Razão que **vos arrogais**: afortunadamente, porém maior Vergonha que o Perigo; e a Natureza **vos** deixou de todo **incapazes** de fazer muito mal. (p. 348)

O emprego de verbos conjugados em segunda pessoa (“fazes”) é raro no português falado no Brasil, com exceção do que ocorre em alguns Estados. Além disso, o verbo conjugado na segunda pessoa do plural (“fazeis”) está praticamente extinto na fala, bem como na escrita contemporânea. Essas opções tradutórias revelam o ensejo do tradutor em produzir um efeito de distanciamento temporal, especialmente porque, no texto de partida, não há pronomes como “thou” (equivalente ao “tu”) ou “ye” (equivalente ao “vós”) que justificariam, numa visão mais restrita de fidelidade, o emprego de “tu” e “vós” e os respectivos verbos conjugados de acordo com esses pronomes. Em outras palavras, o tradutor priorizou, nesse caso, o aspecto estilístico que evoca o enobrecimento dos interlocutores pela fala, não sendo, portanto, uma opção tradutória justificada estritamente pelos itens lexicais do texto original.

Tradução de Luiz Fernando Martins

• Uso de léxico arcaico

Iniciando pela categoria lexical, o texto de Martins é repleto de palavras que parecem ter baixa frequência de uso em língua portuguesa:

[The queen’s dwarf] became so insolent at seeing a creature so much beneath him, that he would always affect to **swagger and look big** as he passed by me [...] and he seldom failed of a **smart word or two** upon my littleness [...]. (p. 130)

[O anão da rainha] tornava-se insolente ao ver uma criatura tão menos que ele, e sempre afetava **gabolice** e **bazófi**as ao passar por mim [...] ele raramente deixava de fazer uma **pilhéria** a respeito de minha pequenez [...]. (p. 111)

Dentre os termos lexicais selecionados por Martins, destacam-se: “gabolice” (o ato de “quem gosta de gabar-se”); “bazófia” (vanglória, jactância, fanfarronice); e “pilhéria” (piada ou zombaria). Esses substantivos não são utilizados com alta frequência na língua portuguesa. Consultando-se, mais uma vez, o banco de dados de língua portuguesa do website Sketch Engine, obtiveram-se os seguintes resultados:

Quadro 1 – Frequência de termos usados por Martins

Vocábulos consultados	Possíveis sinônimos mais comuns
“Gabolice” (09 ocorrências)	“Soberba” (11.579 ocorrências)
“Bazófia” (427 ocorrências)	“Fanfarronice” (655 ocorrências)
“Pilhéria” (830 ocorrências)	“Piada” (81.538 ocorrências) “Troça” (2.406 ocorrências) “Zombaria” (2.280 ocorrências)

Fonte: Esketchengine.eu.

Nota-se que as três opções de Martins têm poucas ocorrências no banco de dados, com destaque para “gabolice”, com apenas 09 ocorrências. É interessante observar que, ao menos no banco de dados do English Web Corpus, também disponível no website Sketch Engine, o vocábulo “swagger” (“bravata”, “fanfarronice”) – incluindo a forma verbal e suas conjugações, bem como o substantivo – conta com 16.231 ocorrências (do total de 15 bilhões de palavras do banco), dispondo, comparativamente à “gabolice”, de uma frequência muito maior. As demais estruturas do inglês, no trecho destacado, como “look big” e “failed of a smart word or two”, foram contrastivamente traduzidas por vocábulos que, em português, são relativamente menos comuns, como apontam os números no quadro acima. Isso revela que o tradutor, de fato, buscou enfatizar palavras que, por serem menos frequentes, ou pouco usuais, permitiram criar um estilo mais formal que contribuiu para o efeito de distanciamento temporal.

• Uso de “mui”

‘Golbasto Momarem Evlame Gurdilo Shefin Mully Ullly Gue, most mighty Emperor of Lilliput, delight and terror of the universe [...] (p. 45)	“Golbasto Momarem Evlame Gurdilo Shefin Mully Ullly Gue, mui poderoso imperador de Lilliput, delícia e terror do universo [...] (p. 46).
--	---

Ainda em relação aos termos arcaicos, percebemos que o tradutor fez uso do advérbio “mui”, ligado ao português arcaico. Se analisarmos o contexto do único uso do advérbio “mui”, perceberemos que se trata de uma carta escrita pelo imperador de Lilliput para Gulliver, situação que requer um registro formal.

• Medidas incomuns ao lado de medidas consagradas

Martins não se restringiu ao léxico arcaico por todo seu trabalho, como vemos abaixo:

I was extremely tired, and with that, and the heat of the weather, and about half a pint of brandy that I drank [...]. (p. 14)	Estava exausto, e com isso, somado ao calor e ao meio quartilho de conhaque que bebera [...]. (p. 23)
It is enclosed by a wall of two feet high, and twenty feet distance from the buildings. (p. 49)	Era circuncidado por uma muralha de sessenta centímetros de altura e seis metros distante das construções. (p 49)

Para as medições, é possível notar certo hibridismo linguístico no texto, tendo em vista que, em certos momentos, o tradutor optou por “quartilho”, palavra já apresentada aqui como “medida antiga para bebidas”, não a adaptando para litros, mas em outras situações escolheu palavras mais próximas da realidade linguística brasileira atual, como centímetros e quilômetros.

• Hibridismo entre formas verbais

Em relação aos tempos verbais, Martins realiza, provavelmente, o maior exemplo de hibridismo linguístico encontrado nesta obra, fazendo uso de mesóclise, ao mesmo tempo em que acrescenta formas coloquiais:

[...] if I had then known the nature of princes and ministers, which I have since observed in many other courts [...], I should , with great alacrity and readiness, have submitted to so easy a punishment. (p. 85)	Se eu conhecesse a natureza dos príncipes e ministros, que desde então observei em muitas outras Cortes [...], ter-me-ia submetido, com grande diligência e presteza, a um castigo assim fácil. (p. 77)
--	--

No trecho acima, podemos perceber o uso de mesóclise, forma que mesmo sendo tomada como estritamente formal, é pouco usada na escrita brasileira e, portanto, não encontrada nas situações de fala. A seguir, o tradutor lança mão de formas coloquiais, produzindo-se, assim, um hibridismo de formas linguísticas, com “ir” seguido de infinitivo para denotar ação futura:

I shall not trouble the reader with the difficulties I was under, by the help of certain paddles, which cost me ten days making [...]. (p. 89)	Não vou perturbar o leitor com as dificuldades que passei, com a ajuda de certos remos, que me custaram dez dias a fazer [...]. (p 80)
---	---

• **Expressões formais**

Ainda sobre as construções verbais, os trechos abaixo trazem mais exemplos de formas voltadas à formalidade:

Soon after I heard a general shout, with frequent repetitions of the words <i>Peplom selan</i> ; and I felt great numbers of people on my left side relaxing the cords to such a degree, that I was able to turn upon my right, and to ease myself with making water; which I very plentifully did, to the great astonishment of the people; who, conjecturing by my motion what I was going to do , immediately opened to the right and left on that side, to avoid the torrent, which fell with such noise and violence from me. (p. 19)	Pouco depois ouvi um alarido geral, com repetições frequentes das palavras <i>peplon selan</i> e senti um grande número de pessoas soltando a cordas do meu lado esquerdo a tal ponto, que fui capaz de me voltar para a direita e aliviar-me urinando, o que fiz com alívio, para grande assombro do povo, que, percebendo o movimento que eu estava a fazer , imediatamente abriu alas à esquerda e à direita para evitar o jorro projetado violenta e ruidosamente à minha frente. (p. 27)
The hurgo (for so they call a great lord, as I afterwards learnt) understood me very well. (p. 17)	O <i>urgo</i> (pois assim chamavam um grande senhor, como vim a saber mais tarde) me entendeu bem (p. 25)
Five hundred carpenters and engineers were immediately set at work to prepare the greatest engine they had. (p. 21)	Quinhentos carpinteiros e engenheiros foram imediatamente postos a trabalhar para terminar o maior engenho que jamais construíram. (p. 28)

A construção “estava a fazer” (infinitivo gerundivo) é uma forma distinta de representar o gerúndio, uma vez que é usada para se referir às ações que estão ocorrendo no momento da fala. Essa estrutura é utilizada amplamente em Portugal, mas não no Brasil,¹⁰ embora seja reconhecida pelos brasileiros. A questão interessante aqui é que o tradutor se vale de uma expressão europeia que, comparativamente à estrutura convencional brasileira, parece ampliar o efeito de distanciamento temporal, na medida em que ela parece ecoar, no imaginário dos leitores, os tempos do império colonial português no Brasil.

¹⁰ Conforme relata Mothé (2006), com base no artigo de Celso Cunha, “Conservação e Inovação no Português do Brasil”, “sabemos que o Brasil, em vários fenômenos, apresenta características de inovação enquanto que Portugal é tido como mais conservador. Mas o autor nos oferece diversos casos em que o Brasil tende à conservação ao passo que Portugal, por outro lado, seria o inovador. Um dos casos citados pelo próprio Celso Cunha como exemplo de conservação no Português Brasileiro é o uso de gerúndio. Ele diz que, enquanto os brasileiros continuaram usando a forma clássica e mais antiga no idioma (o gerúndio), os portugueses foram gradativamente substituindo pela estrutura a + infinitivo. É fato percebido por qualquer falante do português que, atualmente, o Brasil emprega mais o gerúndio ao passo que Portugal usa mais o infinitivo gerundivo em vários contextos de uso, mas não é de conhecimento geral quem conserva o padrão de uso mais antigo (MOTHÉ, 2006, p.1554-55).

Adaptação de Cláudia Lopes

• Uso de expressões e léxico informais

Em relação ao léxico empregado nessa adaptação, o texto de Cláudia Lopes surge com expressões e palavras de cunho bem informal, como apresentado abaixo:

I answered in a few words , but in the most submissive manner, lifting up my left hand, and both my eyes to the sun, as calling him for a witness; and being almost famished with hunger, having not eaten a morsel for some hours before I left the ship, I found the demands of nature so strong upon me, that I could not forbear showing my impatience (perhaps against the strict rules of decency) by putting my finger frequently to my mouth, to signify that I wanted food. (p. 17)	Fiz cara de bons amigos , de quem não quer briga e, com uma mão esquerda, tentei mostrar que estava com fome. (p. 13)
---	--

A expressão “cara de bons amigos” é utilizada para se referir à pessoa que está tranquila, tentando manter a paz com todos os demais, exatamente o que acontece com Gulliver nessa cena, o qual tenta se comunicar com o povo de Lilliput que o mantém prisioneiro. O fato interessante é que esse, entre outros exemplos, são bem coloquiais, o que possibilita maior aproximação em relação ao público-alvo infantojuvenil.

• Uso de diminutivo

In a little time I felt something alive moving on my left leg, which advancing gently forward over my breast, came almost up to my chin; when, bending my eyes downwards as much as I could, I perceived it to be a human creature not six inches high, with a bow and arrow in his hands, and a quiver at his back. (p. 14)	Para piorar a situação, senti algo subindo pela minha perna esquerda. Pensei que fosse algum siri ou caranguejo. Mas aquela coisinha logo alcançou meu peito... Baixei bem os olhos, como se fosse examinar a ponta do meu nariz, e vi uma criaturinha humana de menos de um palmo de altura [...] (p. 11)
---	---

Há um grande número de palavras no diminutivo nessa tradução, sendo utilizadas com o intuito de depreciar algo ou causar empatia. No caso acima, o uso do diminutivo revela um tratamento de carinho para com os personagens, e certamente causa empatia nos leitores. Além disso, sabendo que o livro é voltado para adolescentes e até crianças, sua utilização se torna uma forma de comunicação afetuosa entre o livro e o leitor.

• Uso de léxico formal

Ainda são encontrados pouquíssimos termos formais ou que suscitem um efeito de afastamento no tempo, como a palavra “mesura”, apresentada abaixo. Esse termo tem o mesmo sentido que a palavra “reverência”, mas conta com um maior grau de formalidade, não sendo ouvida com frequência na atualidade.

I took up the vessel with much difficulty in both hands, and in a most respectful manner drank to her ladyship's health, expressing the words as loud as I could in English, which made the company laugh so heartily, that I was almost deafened with the noise. (p. 106)	Quando acabei de comer, fiz uma mesura para agradecer a refeição, provocando risos tão altos que quase ensurdeci. (p. 59)
---	--

• Uso de mesóclise

He replied, 'that, by the laws of the kingdom, I must be searched by two of his officers; that he knew this could not be done without my consent and assistance; and he had so good an opinion of my generosity and justice, as to trust their persons in my hands; that whatever they took from me, should be returned when I left the country, or paid for at the rate which I would set upon them.' (p. 31)	-Agradeço sua boa vontade, mas, pelas leis do reino, a busca deve ser feita por dois oficiais de justiça. Peço-lhe, pois, que os ponha em seus bolsos para que possam fazer seu trabalho. E todos os objetos que forem apreendidos ser-lhe-ão devolvidos quando deixar o país. (p. 25)
---	---

Se até então praticamente todas as escolhas da adaptadora foram voltadas para a coloquialidade, a presença da mesóclise marca um pouco de formalidade no trabalho, que pode ter sido acrescentado na tentativa de manter um tom “arcaizante”.

• Hibridismo entre formas verbais

I had indeed heard and read enough of the dispositions of great princes and ministers, but never expected to have found such terrible effects of them, in so remote a country, governed, as I thought, by very different maxims from those in Europe. (p. 77)	No entanto, já tinha ouvido e lido muito a respeito do humor variável e das atitudes arbitrárias dos grandes soberanos e de seus ministros. (p. 47)
--	--

With this answer the envoy returned to Lilliput; and the monarch of Blefuscu related to me all that had passed; offering me at the same time (but under the strictest confidence) his gracious protection, if I would continue in his service [...]. (p. 91)	Sugeri finalmente que, se o rei de Lilliput quisesse retirar a acusação de traidor que me havia feito , e eu até poderia voltar às boas com ele... O monarca, por fim, cedeu. (p. 54)
It seems, that upon the first moment I was discovered sleeping on the ground, after my landing, the emperor had early notice of it by an express; and determined in council, that I should be tied in the manner I have related, (which was done in the night while I slept;) that plenty of meat and drink should be sent to me, and a machine prepared to carry me to the capital city. (p. 20)	Na noite anterior, quando eu dormira na praia, exausto por ter lutado com as ondas, um mensageiro fora contar que me vira ao rei daquele povo. (p. 15)

Podemos notar o hibridismo entre formas mais informais e aquelas ligadas à norma padrão. Neste caso percebemos o amplo uso de pretérito-mais-que-perfeito sintético (“fora”), construção considerada formal no português brasileiro, juntamente com o uso da forma composta do pretérito-mais-que-perfeito (“tinha ouvido”) que, apesar de não ser banida pela norma padrão, tem um cunho mais informal. Entre essas formas compostas, a tradução ainda apresenta algumas construções sem a utilização do verbo “ter”, mas com a presença do verbo “haver”, que para muitos falantes envolve um tom cortês, e, portanto, é a escolha de muitos para situações de formalidade. A adaptação, assim, ora se vale de tons mais formais e conservadores, ora de tons informais.

Considerações finais

Seja no sentido de se aproximar do texto original em inglês, ou de uma projeção de público-alvo mais letrado, o que se percebe na tradução de Paulo Henriques Britto é um efeito “ilusório” de antiguidade que se inscreve tanto no campo lexical como no gramatical. O tradutor promoveu uma aderência razoável em relação à estrutura da narrativa, uma vez que o texto de Swift apresenta pouquíssimos parágrafos, de modo que a tradução reflete isso rigorosamente. Seu trabalho conta com um vínculo muito forte com a norma padrão, apresentando escassos casos de hibridismo com marcas de oralidade, sendo, portanto, uma tradução mais conservadora.

A tradução de Luiz Fernando Martins surge como oferecendo uma acessibilidade maior ao leitor, quando comparada ao trabalho

de Britto, embora ainda apresente características marcantes de “arcaização”. Sua tradução apresenta, até certo ponto, um léxico rebuscado, de modo que o efeito de arcaização se deu mais no nível lexical. Em contrapartida, a opção de acrescentar palavras desconhecidas em uma tradução instiga a curiosidade do público fazendo com que adolescentes possam conhecer as raízes de sua língua. Já o hibridismo linguístico de normas permanece restrito às formas verbais, já que são encontradas tanto aquelas que correspondem à norma padrão quanto aquelas que se aproximam da oralidade.

Quanto à adaptação, fica visível a simplificação da linguagem, com construções gramaticais reconhecidas por falantes brasileiros de qualquer idade. No entanto, não seria correto dizer que o texto é completamente informal, visto que a adaptadora recorre pontualmente ao efeito de distanciamento temporal com palavras incomuns e algumas estruturas gramaticais mais formais.

De forma geral, todas as três versões apresentam características que remetem ao efeito de distanciamento temporal. Britto escreve para um público não apenas adulto, mas também altamente escolarizado, com um texto repleto de termos menos usuais, já que um adulto com conhecimento aprofundado da língua portuguesa provavelmente seria capaz de compreender o texto. O texto de Martins, em contraposição ao de Britto, é mais aberto a diferentes segmentos de público leitor (ainda que seja primordialmente voltado para o público juvenil), por sua maior acessibilidade linguística, o que é ainda mais notável no caso da adaptação de Cláudia Lopes, voltada para o público infantil.

Em relação ao hibridismo, este pode ser encontrado em todas as obras, embora na tradução de Britto sua presença seja muito restrita. Em contrapartida, na adaptação de Cláudia Lopes, em grande medida, e na tradução de Martins, em menor medida, o hibridismo se acentua, já que ambas as obras são voltadas para um público específico: o infantojuvenil, com a diferença de que a tradução de Martins é integral, e a de Lopes é uma condensação.

Por fim, após a leitura e análise das três versões de *As viagens de Gulliver*, foi possível perceber como a linguagem pode influenciar a criação e concepção dos personagens de uma história, pois, em cada um dos livros analisados, existem semelhanças e diferenças entre os “Gullivers”. Na tradução de Brito, Gulliver aparenta ser um homem culto, estudado e muito experiente, apesar da pouca idade no início da história, além de se manter distante do leitor devido a rebuscamento de sua fala.

Já na tradução de Martins, é possível conhecer um Gulliver formal, mas que se aproxima do leitor conforme a história se desenvolve. De forma contrária, na adaptação, o personagem de Gulliver se assemelha a uma pessoa mais simples, beirando o infantil, devido às suas expressões informais e às estruturas de sua fala. O ponto mais interessante aqui é que todas essas distinções foram realizadas por meio da manipulação da linguagem nas obras, mesclando-se estruturas formais e informais, “rebuscadas” e coloquiais, provando mais uma vez como os tradutores e adaptadores podem reescrever uma história escrita há séculos com a criação de três “Gullivers” diferentes.

Referências Bibliográficas

AMORIM, L.M. A variação linguística em traduções de “alta literatura” e de best-sellers de ficção popular. **Tradterm**, v. 31, p. 136-166, 2018a. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/150088/148004>>. Acesso em: maio de 2018.

AMORIM, L.M. Contrastando marcas de oralidade em traduções de “alta literatura” e de “best-sellers de ficção popular”: Ernest Hemingway e Agatha Christie. **Belas Infiéis**, v.7, n.1, p. 59-90, 2018b. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/12460>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

BAGNO, M. Norma linguística, hibridismo & tradução. **Traduzires**, p. 19-32, Maio, 2012.

BAGNO, M. **Não é errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Editora Parábola, 2010.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola, 2005.

BRITTO, P. H. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. **Para Conhecer: Norma Linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 21-105, 2008.

LEXICAL COMPUTING CZ. **Sketch Engine**. Disponível em: <<https://www.sketchengine.eu>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

MANUAL DA REDAÇÃO: Folha de São Paulo. São Paulo: Publifolha, 2015.

MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (Orgs.) **Fala e escrita**. Recife: CEEL/Autêntica, 2006.

MILTON, J. **O Clube do Livro e a tradução**. Bauru: Edusc, 2002.

MOTHÉ, N. G. M. Gerúndio versus Infinitivo Gerundivo: Brasil e Portugal em contraste nos séculos XIX e XX. **Estudos Linguísticos**, XXXV, p. 1554-1563. Disponível em: <<http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/356.pdf>>. Acesso em: maio de 2019.

OSSELTON, N. E. Spelling-book rules and the capitalization of nouns in the seventeenth and eighteenth centuries. In: ARN, M.; WIRTJES, H.; JANSEN, H. (Orgs.) **Historical & editorial studies in Medieval & Early Modern English for Johan Gerritsen**. Groningen: Wolters-Noordhoff, 1985. p. 49-61

PINHO, M. **Após memes, Temer diz que não vai usar mais mesóclise**. 30/09/2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/09/apos-memes-temer-diz-que-nao-vai-usar-mais-mesoclise.html>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

PRETI, D. (Org.). **Discurso oral culto**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

SARIAN, M. C. Para uma sociolinguística do texto literário traduzido: um olhar sobre 'The Color Purple' e sua tradução. **Gragoatá**, v. 7, n. 13, p.163-179, 2002. Disponível em: <<http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/819/571>> Acesso em: dez. 2018.

SWIFT, J. **Gulliver's Travels**. New York: Amazon Classics Edition, 2017.

SWIFT, J. **As viagens de Gulliver**. Tradução de Luiz Fernando Martins. São Paulo: Martin Claret, 2013.

SWIFT, J. **Viagens de Gulliver**. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2010.

SWIFT, J. **Viagens de Gulliver**. Adaptação de Cláudia Lopes. 15. ed. São Paulo: Scipione, 2011.